

Título

Ciência com consciência: desafio para a humanidade

Autor

André Sathler Guimarães

Local de publicação

Não publicado

Ciência com Consciência: desafio para a humanidade

Com o Renascimento e o Iluminismo, o mito de Prometeu foi recuperado. Francis Bacon, famoso filósofo, resgatou a imagem do mítico Titã como um rebelde técnico e audacioso, a ponto de se arvorar no direito de refazer a obra do mestre com mais competência e genialidade. Para Bacon, “Prometeu é o espírito inventivo dos homens, que funda o reino humano, que multiplica ao infinito a potência humana e a dirige contra os deuses”.

Será coincidência? Por que justamente Bacon recuperou Prometeu? Bacon foi também uma das primeiras pessoas a expressar textualmente: “conhecimento é poder”, na perspectiva de que o conhecimento gera domínio e controle. Dessa visão, veio uma concepção autotélica da ciência, ou seja, a ciência como seu próprio fim, e não como meio para qualquer outra coisa a não ser para si mesma. Vista desse modo, a ciência é uma tecnocracia totalitária.

Hoje vemos a ciência evoluindo na busca de desempenhos-limite em detrimento da descoberta de uma verdade coerente e útil à humanidade. A ciência encontra-se incapaz de produzir sentido para a vida. Em vez de apontar para a contemplação da verdade e a busca do fim último e do sentido da vida, essa ciência se orienta para a razão instrumental, a serviço de fins utilitaristas, de prazer ou de poder.

Em recente entrevista à Revista Veja, James Watson, um dos descobridores da dupla hélice do DNA, afirmou: “se um dia pudermos mudar os genes para que as crianças fiquem mais bonitas ou inteligentes, não vejo por que não fazê-lo. Hoje, não temos a capacidade de melhorar a humanidade dessa forma. Se um dia pudermos, por que não? Alguns alegam que isso favoreceria os ricos, mas não há novidade aí: os ricos sempre compram a nova tecnologia antes dos demais”. Não seria isso uma forma nova e muito agravada de racismo?

Para mim, a escala das conseqüências que nossas ações podem ter tolhe a imaginação moral que possuímos. As normas éticas que herdamos do passado são claramente insuficientes – simplesmente não foram feitas à medida dos poderes que atualmente possuímos.

Como será a convivência com esse ser humano melhorado, proposto por James Watson? Acho que nosso currículo como humanidade não é muito animador. Até cento e poucos anos atrás, tínhamos escravidão em nosso país, fundamentada em uma segregação racial. Como vamos conviver com essa nova super raça? Como não suspeitar que as experiências relativas à industrialização dos seres vivos não levarão ao delírio do super-homem, aquele que merecerá sobreviver, em detrimento desses velhos primatas obsoletos – nós?

Uma ciência sem consciência é apenas a ruína da alma. A ciência deve produzir sentido. Privada da questão do sentido da existência, a ciência e a razão ficam relegadas à funções meramente instrumentais, sem uma autêntica paixão pela busca da verdade.

Por outro lado, a ciência não é culpada de tudo. A existência dos campos de extermínio nazistas não é decorrência da tecnologia ligada à produção de gases, assim como as bombas atômicas lançadas sobre o Japão não foram consequência inevitável do desenvolvimento da física. Houve, em ambos os casos, decisões políticas, calcadas em posições ideológicas.

Há um caráter ambíguo: de um lado, pode-se esperar da ciência respostas para o bem estar dos povos e novos recursos para melhorar a qualidade de vida. De outro, se não temos parâmetros morais, sociais e culturais para aproveitar esses recursos, podemos acentuar os desequilíbrios e provocar situações catastróficas.